

A LÍRICA GREGA ARCAICA: ARQUÍLOCO DE PAROS ESTUDO DO FR. 19

Moisés Olímpio Ferreira¹

Resumo: O presente trabalho visa a refletir sobre a reconstrução do sentido de fragmento poético da lírica grega arcaica. O *corpus* é constituído pelo fr. 19 da obra de Arquíloco de Paros. Para a nossa pesquisa, arrolamos as fontes que testemunharam a recepção do poema na Antigüidade e apresentamos diversos comentários de autores modernos, pois a história crítica que acompanha o *corpus* contribui para a recuperação de sentidos esquecidos. Para a tradução dos textos em língua grega, utilizamos o arcabouço teórico de Murachco, para quem as relações semântica, lógica, orgânica e funcional da língua são essenciais.

Palavras-chave: Lírica grega arcaica, Arquíloco de Paros, fragmento 19

O poeta

De Arquíloco de Paros, face às reduzidas informações existentes a seu respeito, não é possível precisar uma cronologia de sua vida. Os dados de que dispomos são dos próprios fragmentos e de algumas inscrições e passagens como a de Enómaos de Gadara (LASSERE, 1950:293) e a de Crítias, escrita por Eliano².

Considerando que ele registrou o eclipse ocorrido em 6 de abril de 647 a.C.³, que se referiu a Gíges⁴ – rei da Lídia entre 687 e 652 a.C. - e que, segundo Heródoto (I. 12.2), ele foi contemporâneo de Arquíloco, tem-se concluído que o poeta viveu no século VII a.C.

Quanto a essa datação, entretanto, Hauvette (1905:12) tem a opinião de que tal passagem não possui valor biográfico, pois o poeta poderia estar apenas fazendo uma referência a algo do passado, conhecido por meio da tradição e Lassere (1968:XXVI-VII) põe em dúvida o sincronismo temporal entre Gíges e Arquíloco. Adrados (1956:4-5), por sua vez, diz que a citação ao eclipse do sol pode ser ambígua, mas admite que [...es más verosímil que el poema del eclipse se escribiera el año 647 y Arquíloco hubiera nacido hacia el 687"]. De Falco & De Faria Coimbra (1941:63) partilham dessa mesma opinião. Vanderpool, na obra *New Inscriptions Concerning Archilochos*, argumenta a favor dessa datação com base em uma inscrição em Tasos, no cenotáfio do general Glauco, personagem

¹ Doutorando pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Participante do GERAR – Grupo de Estudos de Retórica e Argumentação da USP. E-mail: moisesolim@usp.br

² Fr. 295 W – Ael. V.H.10.13 [Critias 88 B₄₄ Diels-Kranz]

³ Fr. 122W – Stob.4.46.10 + P. Oxy. xxii. 2313 fr. 1^a

⁴ Fr. 19W – Plut. *De Tranqu. animi* 10 p.470b-c

frequentemente citada por Arquíloco⁵. López Férez (op. cit., p. 124) lembra que há vários eclipses “candidatos”, o de 688, 661, 660 e 647 a.C., entre outros, mas [“suele preferirse el de 647, que fue total em Tasos...pero se ha argumentado a favor de los de 660 y 658 como posibles”]. Lesky (1995:136) diz: [“...diversas alusões nos seus poemas, como a que se refere a Giges no fr. 22 D., confirmam que o eclipse do Sol⁶ por ele relatado foi o de 6 de abril de 648”], situando o poeta no tempo.

Nasceu em Paros, uma das ilhas cicládicas, situada no mar Jônico, provavelmente na região de Mirrina (LASSERE, 1968:V). Posteriormente, por razões financeiras e por ressentimentos contra Licambes que havia recusado dar-lhe Neobula em casamento, foi para a ilha de Tasos, no mar Egeu, lugar onde o nobre Telesicles, de quem era filho bastardo [“ Ἄρχιλοχος Πάριος Τελεσικλέος..., *Arquíloco de Paros, filho de Telesicles...*”], havia fundado uma colônia em torno do ano 684 a.C. A impressão que ele nos deixa sobre Tasos não é a das melhores, como podemos observar nos fragmentos 102W – Strabo 8.6.6 p. 370; 20 W – Heraclides Lembus π. πολιτείων 22 Müller (F.H.G. ii.218) = 50 Dilts; e no 228 W- Eust. in Hom. p. 1543.45.

Depois de suas más experiências em Tasos, partiu para Esparta e, de lá, segundo Valério Máximo (VI, 3) e Plutarco (*Lac. Inst.* 34, 239 b-c), foi expulso por covardia. Corrêa (1998:113) destaca: [“...como bom cético, (Sexto Empírico) abstém-se de julgamentos, constatando apenas que Arquíloco se jacta daquilo que, entre os lacedemônios, seria punido por lei”]. Assim, após andar pela Itália Meridional, regressou ao local onde nasceu e encontrou a morte em luta contra os habitantes de Naxos (DE FALCO & DE FARIA COIMBRA, op. cit., p. 64). Uma lenda diz que a Pítia expulsou Calondas do templo de Apolo, pois matara o poeta que cultivava o amável dom das Musas.

Assim, apesar dos poucos documentos que chegaram até nós da obra de Arquíloco:

a importância e o valor que os antigos lhe conferiam evidenciam-se pelas referências que a ela fizeram poetas, sofistas e filósofos, pelo trabalho que os gramáticos lhe dedicaram, e pela constante aproximação ou confrontação de seus poemas com os de Homero (CORRÊA, op. cit., p. 29).

O momento poético

⁵ Frags. 15, 48, 96, 105, 117, 131W

⁶ Fr. 74 D.

A poesia de Arquíloco geralmente é definida como impregnada de cru realismo, é apresentada como sendo uma original e revolucionária reavaliação humana, pois nela está sempre em jogo a totalidade do ser humano. O poeta isso faz por meio de reflexões sobre o homem e sobre suas paixões, combinadas a um caráter parenético, visando a uma reforma do indivíduo. Nesse contexto, conforme Barros (1999:23-4), tal realismo⁷ é produto de uma nova época, de novas criações desenvolvidas nos mais diversificados sentidos.

É nessa perspectiva que se tem captado em Arquíloco um novo entusiasmo criador que ultrapassa os quadros específicos da epopéia em direção à lírica. Lassere afirma (1968:V): “sa poésie exprime directement ses émotions, elle est une réponse aux événements de sa vie, elle est personnelle”. Arquíloco fala do que sente, do que sofre, do que gosta; explora as emoções. Para Snell (1992:82): [“...na lírica surgem pela primeira vez os poetas como personalidades”] e disso conclui: “[a distinção mais notável da lírica e do período arcaico ante a poesia épica é o despertar de poetas que falam de si próprios, cientes de sua individualidade”]. A criação poética de Arquíloco, pela descoberta do indivíduo, pela exploração da individualidade, apresenta certa independência interior incompatível com qualquer tipo de controle. Rebelde aos padrões épicos, conduziu as temáticas de sua obra ao chiste.

Mesmo que ainda creia na velha religião de Hesíodo em que Zeus, soberano, castiga aquele que quebra o juramento e a fidelidade, Arquíloco não parece tão certo da coerência do procedimento divino. Embora ele testemunhe que a Zeus não passam despercebidas a justiça e injustiça dos homens⁸, ele também afirma que há dependência total dos mortais em relação aos deuses⁹. Mesmo que Zeus, entre os deuses, seja o mais verdadeiro adivinho e que só ele disponha do fim¹⁰; que o ânimo dos mortais varie segundo o dia que lhes envia Zeus¹¹; que a vitória esteja na mão dos deuses¹²; que a *Tykhē* e a *Moira* dêem tudo aos mortais¹³ também, por sua vez, ambigualmente, o esforço e o zelo tudo proporcionam aos homens¹⁴.

⁷ Corrêa (op. cit., pp. 55-6) discorda, pois o “*realismo lírico*” já estava presente em Homero e, portanto, não se trata de uma evolução no desenvolvimento da individualidade.

⁸ Fr. 177 W – Stob. I.3.34

⁹ Fr. 130 W – Stob. 4.41.24

¹⁰ Fr. 298 W – Aristides or. 45, ii.51.17 Dindorf

¹¹ Fr. 131 W – Stob. 1.1.18

¹² Fr. 111W – Pergit Clemens

¹³ Fr. 16 W – Stob. I.6.3

¹⁴ Fr. 17 W – Syrianus in Hermog., i.6.12 Rabe

Mas essa defendida “descoberta do indivíduo”, essa expressão de sentimentos, é estranha à poesia lírica arcaica. Contra a posição de que as dores e as esperanças do indivíduo são mais traços genéricos da lírica do que da épica, Corrêa (op. cit., p. 56) afirma: [...basta folhear uma antologia de lírica arcaica para perceber que um grande número desses poemas não se ocupa de tais temas”].

Dessa forma, não se pode interpretar a poesia lírica arcaica como um rompimento pelo novo, como uma espécie de despojamento do mundo homérico. Na *Iliada*, já aparecem questões que equivocadamente foram apontadas como sendo específicas da lírica como, por exemplo, o conflito entre a soberania divina e a responsabilidade humana. Lesky (1995:86) reconhece: [...o problema sobre o modo como se opõem a divindade e o homem atinge o núcleo do mundo homérico”] e que não se pode reduzir a relação entre os deuses e os homens a fórmulas ético-religiosas. Embora geralmente se afirme que as decisões e sentimentos em Homero não têm origem no próprio homem e que tudo o que este faz é obra dos deuses, Lesky (op.cit., p. 93) nos esclarece:

A ação divina e a vontade humana que sempre estão intimamente associadas à essência das figuras, apresentam-se-nos como duas esferas que se completam mutuamente, mas que também podem chegar a contrapor-se. Em geral, é tal a maneira como ambas intervêm no desenvolvimento e no resultado final, que não é lícito isolar uma delas. A aliança destas duas esferas no mundo homérico é totalmente irreflectida e não-problemática.

Por meio de uma “dupla motivação”, em que as divindades incentivam os homens àquilo que estão dispostos e capacitados a fazer, [...o herói homérico é capaz de tomar decisão...; a existência de uma noção de responsabilidade evidencia-se pela necessidade que sente de reparar seu erro”] (CORRÊA, op. cit., p. 39), não havendo, portanto, razões suficientes para que tal questão seja considerada como própria de uma nova época anti-homérica por não ser, nem uma, nem outra coisa.

Quanto às conclusões de que a poesia lírica estaria impregnada de pura originalidade, é correto afirmar que ocorrem arbitrariedades em interpretações de certas passagens, dando-lhes significações que não lhe são próprias para efeito atestatório. Snell (op. cit., p. 85) faz comparação entre os fragmentos 131-2W com a *Odisséia* 18.136 e, para ele, o que se percebe é que [...algo de realmente novo surge no mundo”]. Corrêa contrapõe essa afirmação e diz que, embora se “afirme não haver nada de novo no tema tratado, ele julga, de forma aparentemente arbitrária, que nesses versos o poeta lírico atinge uma percepção mais aguda de si em sua particularidade, o que seria ‘algo de realmente novo’ no mundo

grego”. Enquanto, por um lado, alguns interpretam Arquíloco como exemplo de uma nova mentalidade, representante de uma época original e revolucionária, Corrêa (op. cit., p. 60) defende: [“quanto à ideologia... em Arquíloco, o que se rotula como ‘anti-homérico’ pode ser apenas ‘anti-heróico’”].

O que teria, então, chocado Crítias? É provável que tenha sido a falta de pudor de Arquíloco ao difamar-se (CORRÊA, op. cit., p. 115). Mas, apesar dos comentários de Heráclito (22B DK, 42), de Píndaro (P. II,54,55) e de Crítias, a glória do poeta aos olhos da posteridade não foi diminuída, pois [“...le admira el proprio Píndaro (O. IX 1 y ss.) y le imita toda a Comedia, que está dentro de su espíritu: Aristófanes, desde luego, pero también Cratino que escribió unos Arquílocos, cuyo coro multiplicaba al poeta de Paros”] (LÓPEZ FÉREZ, op. cit., p. 131).

Giges de muito ouro (fr. 19W)

οὐ μοι τὰ Γύγωω τοῦ πολυχρύσου μέλει,
οὐδ’ εἶλέ πώ με ζῆλος, οὐδ’ ἀγαίομαι
θεῶν ἔργα, μεγάλης δ’ οὐκ ἔρέω
τυραννίδος·
ἀπόπροθεν γάρ ἐστιν ὀφθαλμῶν ἐμῶν.

*Não, a mim, as coisas de Giges de muito ouro interessam,
nem a inveja me toma, nem admiro
as obras das divindades, não amo (desejo) a
grande tirania;
longe, pois, de meus olhos estão.*

Tanto quanto os demais fragmentos de Arquíloco, o fr. 19W também é alvo de variados comentários, possuindo fontes diversas que nos auxiliam em sua interpretação. Adrados e Lassere defendem que esses versos pertenciam ao início de um poema maior. Adrados (1956:54) acredita que lhe pertencia também o fragmento [“...ὁ δ’ Ἰστίης καρτερὸς μηλοτρόφου¹⁵”, ...o forte criador de ovelhas da Ásia], [“...que prueba que Arquíloco hablaba ampliamente del poderío de Giges, cuyo acceso al trono contaba (cf. Heródoto, I. 12). Arquíloco debía de hablar en el poema de su modesta situación”]. Para Lassere (1968, p. 8), [“les fragments 15 à 19 ont vraisemblablement fait partie du même poème: le fragment 15 en donne – le fait est attesté par plusieurs citateurs – les quatre premiers vers”]. Aristóteles, na *Retórica*, faz referência a tal poema dizendo: [“καὶ τὸν Χάρωνα τὸν τέκτονα ἐν τῷ ἰάμβῳ οὗ ἡ ἀρχή ‘οὐ μοι τὰ Γύγωω’ ” - e Caronte, o carpinteiro, no poema iâmbico, do qual o começo é ‘não a mim as coisas de Giges’ ”].

¹⁵ Adrados numera o fragmento 19W como 102 (22D.), e o que ora citamos, como 103 (23D.). Gerber, por sua vez, como 19 e 227; Lassere, 15 e 16, respectivamente, sobre o qual afirma “...quant au fragment 16, il s'applique certainement à Gyges”.

Heródoto¹⁶ (I.12) - uma das fontes mais antigas que temos até o presente momento – garante-nos que Arquíloco fez alusão a Gíges, que subiu ao trono da Lídia após ter matado Candaules por conspiração. O historiador grego fortalece certa datação quanto à época em que viveu o poeta, pois testemunha a favor de sua contemporaneidade em relação aos fatos. Assim, enquanto relata os eventos que ocorreram na casa de Candaules, não só nos revela quem foi Gíges e em que condições se tornou rei, mas também que Arquíloco, κατὰ τὸν αὐτὸν χρόνον γενόμενος, o menciona em seu poema:

ᾠς δὲ ἤρτυσαν τὴν ἐπιβουλήν, νυκτὸς
γενομένης (οὐ γὰρ ἐμετίετο ὁ Γύγης, οὐδὲ οἱ
ἦν ἀπαλλαγὴ οὐδεμία, ἀλλ' ἔδεε ἡ αὐτὸν
ἀπολωλέναι ἢ Κανδαύλεα) εἶπετο ἐς τὸν
θάλαμον τῆ γυναικί, καὶ μιν ἐκείνη,
ἐγχειρίδιον δοῦσα, κατακρύπτει ὑπὸ τὴν
αὐτὴν θύρην. καὶ μετὰ ταῦτα ἀναπαυομένου
Κανδαύλεω ὑπεκδύς τε καὶ ἀποκτείνας
αὐτὸν ἔσχε καὶ τὴν γυναῖκα καὶ τὴν
βασιλήην Γύγης τοῦ καὶ Ἀρχίλοχος ὁ
Πάριος κατὰ τὸν αὐτὸν χρόνον γενόμενος ἐν
ἰάμβῳ τριμέτρῳ ἐπεμνήσθη.

Assim, prepararam o projeto e a noite chegou (Gíges, pois, não foi liberado, nem mesmo existia escape algum, mas era preciso ou matar-se ou a Candaules); seguiu para o quarto com a mulher, e ela, tendo-lhe dado um punhal, esconde-o atrás da mesma porta. E depois destas coisas, enquanto Candaules repousava; tendo saído furtivamente e tendo-o matado, Gíges não só teve a mulher, mas também, o reino, o que também Arquíloco de Paros, nascido segundo o mesmo tempo, em trímetros jâmbicos, mencionou.

Entretanto, a parte final desse excerto tem sido considerada, por alguns comentadores, ou espúria, ou escrita em forma de nota marginal com posterior incorporação ao texto que chegou até nós. Godley (1996:16) afirma: “stein brackets the words τοῦ καὶ - ἐπεμνήσθη as superfluous and therefore probably spurious” o que Legrand (1956:38) já havia asseverado: “[...la phrase τοῦ καὶ Ἄρχιλοχος... ἐπεμνήσθη doit être une addition au texte primitif...”].

Quanto à interpretação do trecho, segundo Adrados (1966:69), o impasse relativo à responsabilidade humana criou para os líricos um sério problema: o de repensar qual sentido atribuir à ação. Para Barros (op. cit., p. 46), um dos caminhos pelos quais a questão irá resolver-se é o ideal de *mediania*, presente, com maior ou menor intensidade, em Arquíloco, Sólon, Teógnis, Píndaro e outros, e que impõe a restrição da conduta, o medo do excesso, o “*apressa-te devagar*”. Assim, “da visão grega da vida sempre fez parte a ideia de que o homem não deve ultrapassar os limites de sua própria dimensão e que a ruptura desse

¹⁶ Rufinum (século V d.C.), em sua gramática (*Gramm. Lat.* vi. 563.18), utiliza uma obra de Iuba (século II d.C.) e faz menção de apenas algumas poucas palavras iniciais do poema de Arquíloco, as quais, segundo ele, foram preservadas por Heródoto: “meminit autem versus eius Herodotus quem applicui: οὐ μοι μέλει”, *Herodoto, que eu apliquei, lembra os versos dele: Não a mim interessa.*

princípio pode desencadear a cólera dos deuses”. Advertências nesse sentido já podiam ser encontradas na epopéia, mas a lírica irá diferir no sentido de que [“...vinda de todas as partes, ecoa, insistente, a parênese à mediania”]. De acordo com a autora, tal exortação moral ganha um sentido mais profundo à luz do clima geral de insegurança que paira sobre o homem grego nos conturbados tempos que se seguiram à idade homérica (*idem*, p. 47).

Como afirma Barros (*op.*, *cit.*), face à crise de valores vivida pelo homem grego da idade arcaica, a partir de um dado momento impreciso do século VII a.C., verificou-se, na Grécia, uma [“... efervescência religiosa acompanhada do medo da poluição hereditária ou adquirida”]. Em razão disso, intensificaram-se [“...as práticas e ritos purificatórios...”], tornaram-se [“...freqüentes as experiências chamanísticas...”] e se impôs [“...com acentuado destaque a ideia de que a injustiça não fica impune”]. Daí, a necessidade de expiação tornou-se característica do sentimento religioso, pois se acreditava que a reparação atingia o próprio agente, seja numa vida *post-mortem*, seja na pessoa de um descendente. É a partir desse fenômeno que Dodds (1965:19 e 38ss.) distingue, na lírica, uma cultura de *culpabilidade*.

Dessa forma, pela aceitação sem revolta dos sofrimentos da existência, Arquíloco no fr. 19, apregoa justamente o ideal da *aurea mediocritas* do carpinteiro Caronte. Embora reconhecendo a dependência que coloca o homem nas mãos da divindade, da fortuna e do destino, [“...Arquíloco fala da paciente resignação, presente que os imortais concederam aos mortais como remédio aos males sem remédio...”] (BARROS, *op. cit.*, pp. 47,48).

Quando se tem a desoladora sensação de que sobre toda ação paira o perigo, de que se pode ser surpreendido por um dos presentes dos imortais, soa como uma tábua de salvação o “nada em excesso”. Nesses termos, o ideal da mediania constituía-se para os líricos num princípio que, restringindo a ação, não conduzia necessariamente à mediocridade, à acomodação, mas diminuía os riscos do insucesso.

Em Adrados encontramos uma defesa dessa interpretação. Segundo ele, o individualismo do século VII busca uma nova norma, não mais tradicional, para o realizar humano. Ele sugere entender essa *nova norma* sob dois aspectos: positiva e negativamente. Enquanto o primeiro, que é sentido em Arquíloco com paixão, consiste em uma

...concepción moral de la divinidad, de Zeus sobre todo, que a veces aparece ya en Homero y es ya plenamente consciente en Hesíodo. Esta idea es la que, incluso expresada a veces con plena sinceridad religiosa...preside todos los violentos ataques personales de nuestro poeta (ADRADOS, 1956:17),

a índole negativa da norma constitui-se em reconhecer os limites das aspirações humanas, em respeitar os limites fixados pelos deuses. É nessa inclinação que Arquíloco

...llega a proponer el ideal de la aurea mediocritas (fr. 102). Los sentimientos de los hombres están determinados por las circunstancias exteriores, que dependen de los dioses...; éstos elevan y humillan alternativamente...; la única respuesta adecuada por nuestra parte es la resignación..., que Homero aconsejaba en casos particulares y ahora se convierte en una norma general (ADRADOS, *idem*, p. 18).

Mas adverte:

Este sentimiento de inseguridad ante las fuerzas irracionales y esta recomendación de la resignación como único remedio, ha sido considerado a veces como lo más original de Arquíloco. Sin embargo, es una posición visible ya, como decíamos, en determinados pasajes de Homero y que se extiende entre la aristocracia del siglo VII (ADRADOS, *ibidem*).

Jaeger (1995:159-162) considera o fragmento como um dos didáticos e reflexivos. Tendo em vista que tudo que o homem tem lhe é dado pela *Tykhē* e *Moira*, muitas vezes a divindade eleva subitamente o homem esmagado pelo infortúnio ou derruba aquele que está em pé, [“mas a luta do Homem contra o destino é transferida do mundo sublime dos heróis para a esfera da vida cotidiana”] e, assim, o palco do drama é a vida do poeta que [“...a exemplo da epopéia, sente a sua personalidade humana ativa e sofredora...”]. Desse modo, [“...quanto mais livre e conscientemente o ‘eu’ humano aspira a dirigir os passos do seu pensamento e da sua ação, tanto mais fortemente vinculado se sente ao problema do destino”].

A luta para obter a independência significa, em grande medida, [“...a renúncia a muito do que o Homem recebeu da *Tykhē* como dom”], e Arquíloco faz a confissão de que só é possível um homem interiormente livre [“...numa forma de vida escolhida e determinada por ele mesmo”]. Para Jaeger, então, o poeta lírico faz a justa 'escolha de vida' ao renunciar às riquezas de Gíges, ao não ultrapassar as fronteiras entre o Homem e Deus e não estender a mão à força do tirano. Na voz do poeta, tudo isso [“longe, pois, de meus olhos estão”]. Arquíloco, dessa forma, estaria revelando uma auto-submissão às próprias limitações, consciente e livre da autoridade da tradição. Jaeger completa dizendo: [“...a poesia da nova época nasce da necessidade, experimentada pelo indivíduo livre, de separar progressivamente o humano do conteúdo mítico da epopéia, na qual se havia exprimido até então”].

Para Snell (op. cit., p. 87), uma contraposição entre [...o pomposo universalmente reconhecido e a simplicidade do mais essencial...] não ocorre em Homero¹⁷. Anacreonte repudia o que outros desejariam, isto é, [...a cornucópia de Amalteia ou o vasto domínio sobre as ricas terras do Ocidente...], mas dele não se conservou o texto em que expressava suas próprias preferências. Diferentemente ocorre em Arquíloco, pois nos [...permite reconhecer ainda claramente como ele liga o 'preâmbulo'¹⁸ à 'glorificação' convencional, ao 'macarismo']]:

Giges é rico em ouro, portanto, ὄλβιος; os deuses encheram-no de dádivas, é εὐδαίμων; a posse do poder faz que ele apareça semelhante aos deuses, ἰσόθεος; tudo isto mereceria um macarismo, uma canção glorificatória (SNELL, op. cit., p. 88),

mas, no fragmento 19W, o poeta expressa sua opinião e recusa o apreço geral que é atribuído a Giges e à sua riqueza, opondo-se ao pomposo. No *preâmbulo*, Arquíloco diz o que ele próprio considera mais importante do que os valores tradicionais.

Para Lassere (1968:8), Arquíloco poderia estar respondendo a um oráculo délfico que lhe fez a previsão de que reinaria em Tasos, de que lá seria um tirano. Para ele, [“cet oracle lui offre la gloire, mais il la décline pour la raison qu' apporte le vers 4, confirmant le vers 2: il n'a pas d'ambition et Thasos est loin de son horizon”]. Tal hipótese parece improvável não recebendo corroboração de outros comentadores.

Segundo Aristóteles¹⁹, toda a composição tinha sido posta na boca de um carpinteiro chamado Caronte:

εἰς δὲ τὸ ἦθος, ἐπειδὴ ἔνια περὶ αὐτοῦ λέγειν ἢ ἐπίφθονον ἢ μακρολογία ἢ ἀντιλογία ἔχει, καὶ περὶ ἄλλου ἢ λοιδορία ἢ ἀγροικία, ἕτερον χρῆ λέγοντα ποιεῖν, ὅπερ Ἴσοκράτης ποιεῖ ἐν τῷ Φιλίππῳ καὶ ἐν τῇ Ἀντιδόσει, καὶ ὡς Ἀρχίλοχος ψέγει· ποιεῖ γὰρ τὸν πατέρα λέγοντα περὶ τῆς θυγατρὸς ἐν τῷ ἰάμβῳ “χρημάτων – ἀπώμοτον” (fr.122.1), καὶ τὸν Χάρωνα τὸν τέκτονα ἐν τῷ ἰάμβῳ οὗ ἢ ἀρχή “οὗ μοι τὰ Γύγεω.”

E em relação ao caráter, depois de dizer algumas coisas a respeito de si mesmo, tem ou inveja, ou prolixidade, ou controvérsia; e, a respeito de outro, ou injúria, ou grosseria; o outro, falante, é preciso fazer o que Sócrates faz em Philippus e em Antídotis, e como Arquíloco faz censura. [Este] faz, pois, o pai falando a respeito da filha no poema iâmbico 'das coisas - rechaçável' (fr. 122.1) e Caronte, o carpinteiro, no poema iâmbico, do qual o começo é 'não a mim as coisas de Giges' (Retórica 3.17.1418b28).

¹⁷ Embora o próprio Snell aponte exceções ao que afirmou, como na *Ilíada* 1, 167 e *Odisseia* 6, 208.

¹⁸ Ao comentar os líricos, Snell (op. cit., p. 86) diz que os poetas servem-se do 'preâmbulo', que consiste em “...pôr em relevo uma coisa, confrontando a própria opinião com a que outros têm”.

¹⁹ Em um escólio à obra de Aristóteles, Schol. ad loc. (Comm. in Arist. Graeca xxi (2) 256.6), encontramos as primeiras palavras do verso e um comentário negando uma riqueza particular:

“οὗ μοι τὰ Γύγεω”, ἦτοι οὐχ οὕτως ἐγὼ πλούσιος ὡς ὁ Γύγης ὡς τινὲς λέγουσιν.”
“não a mim as coisas de Giges”, em verdade, não sou rico como Giges, como alguns falam.”

Adrados (1956:54,56) diz que o fragmento é um elogio à mediania imputado a um carpinteiro, forma imitada por Horácio em seu epodo II quando elogia pela boca de *Alfius*. Lassere (1968:8) diz que Aristóteles notou que o poeta, para evitar ser demasiadamente insolente, põe as suas palavras na boca de um outro, do carpinteiro Caronte, personagem fictício. Dover (1964:206) diz que Aristóteles acreditava que falar *in propria persona* poderia ser uma falha de caráter. Segundo Burnett (1983:67), Aristóteles disse que Arquíloco pôs as palavras na boca de um personagem imaginário porque este não queria receber seus excessos sobre si mesmo; mas [“...we do not know what the imaginary situation was, why the poet made his speaker an artisan, or how the sequence came to an end”]. Para Burnett, possivelmente o carpinteiro anunciou com rude exatidão apenas o que [“...he and his tools would like to do to an enemy whom the audience could easily identify.... Speaking as Charon, Archilochus said to his audience: this is the kind of song that one pretends to disown!”].

Fränkel (1975:138) sugere: [“...even in the Iliad (3, 60f.) the carpenter was a stock example of an industrious man; hence he was ready to hand for Archilochus as a contrast to the upstart who became rich by roguery”]. Rankin (1977:23) acrescenta: [“...its words purport to issue from the mouth of a down-to-earth character, Charon the carpenter, and it would hardly be consistent with this character for him to deny so vehemently that he was not envious of a dead king’s wealth and splendour”]. Para Easterling & Knox (1985:127), Arquíloco apresenta perfeitamente um tradicional sentimento [“on the lines of 'nothing too much' and 'think moral thoughts'”] e, ao expressar-se por meio de Caronte, o carpinteiro, o lírico [“...gave...an original twist”].

Gentili (1984:145) considera o fragmento como parte de um poema “serio-comico” no qual encontramos a característica da *persona loquens*, isto é,

...la tendenza a presentare un personaggio che narra in prima persona una sua vicenda lieta o triste... oppure espone le proprie idee su un tema determinato, como ad esempio il carpentiere Carone sulla ricchezza e sulla potenza in un noto carne di Archiloco. Talora le parole messe in bocca al personaggio aprono direttamente il carne...

assim, através de um discurso difamatório (ψόγος), o poeta esconde a própria identidade sem provocar ressentimentos.

Plutarco (*On tranquillity of mind*, 10.470b-c), por sua vez, que somente conhecia alguns versos do poema²⁰, e certamente de segunda-mão, acreditava que as palavras poderiam ter sido pronunciadas por um tásio:

Καίτοι καὶ τοῦτο μέγα πρὸς εὐθυμίαν ἐστὶ,
τὸ μάλιστα μὲν αὐτὸν ἐπισκοπεῖν καὶ τὰ
καθ' αὐτόν, εἰ δὲ μή, τοὺς ὑποδεεστέρους
ἀποθεωρεῖν καὶ μή, καθάπερ οἱ πολλοί,
πρὸς τοὺς ὑπερέχοντας ἀντιπαρεξάγειν.
οἷον εὐθὺς οἱ δεδεμένοι εὐδαιμονίζουσι
τοὺς λελυμένους, ἐκεῖνοι δὲ τοὺς
ἐλευθέρους, οἱ δ' ἐλεύθεροι τοὺς πολίτας,
οὔτοι δὲ πάλιν αὖ τοὺς πλουσίους, οἱ δὲ
πλούσιοι τοὺς σατράπας, οἱ δὲ σατράπαι
τοὺς βασιλεῖς, οἱ δὲ βασιλεῖς τοὺς θεοὺς
μονονουχὶ βροντᾶν καὶ ἀστράπτειν
ἐθέλοντες. εἴθ' οὕτως ἀεὶ τῶν ὑπὲρ ἑαυτοῦς
ἐνδεεῖς ὄντες οὐδέποτε τοῖς καθ' ἑαυτοῦς
χάριν ἔχουσιν.

οὐ μοι τὰ Γύγεω τοῦ πολυχρύσου
μέλει,

οὐδ' εἰλέ πῶ με ζῆλος, οὐδ' ἀγαίομαι
θεῶν ἔργα, μεγάλης δ' οὐκ ἔρέω
τυραννίδος·

ἀπόπροθεν γάρ ἐστιν ὀφθαλμῶν ἐμῶν.

“Θάσιος γὰρ ἦν ἐκεῖνος”. ἄλλος δὲ τις Χίος,
ἄλλος δὲ Γαλάτης ἢ Βιθυνὸς οὐκ
ἀγαπῶν[...]

Em verdade, também isso é grande para o bom ânimo: por um lado, sobretudo, o examinar a si mesmo e as coisas em relação a si próprio; se não, por outro lado, ir observando os mais inferiores, e não como muitos, ao compararem-se aos superiores; como, por exemplo, os que estão presos contam a felicidade dos que estão soltos; aqueles, dos livres; os livres, dos cidadãos; estes, novamente, por sua vez, dos ricos; os ricos, dos sátrapas; os sátrapas, dos reis; os reis – que querem não só trovão, mas também lançar raio – dos deuses. Finalmente, desse modo, sempre dentre aquelas coisas acima de si mesmos, que são necessárias, jamais são para os que têm graça por si mesmos.

Não, a mim, as coisas de Gyges de muito ouro interessam

nem a inveja me toma, nem admiro

as obras das divindades, não amo (desejo) a grande tirania;

longe, pois, de meus olhos estão.

“Mas ele era um tásio”. Algum outro, quio; outro, gálata, ou bitínio; não gostando[...]

Fränkel (op. cit., p. 38) diz que a base do fragmento é [“...a similar contrast between exaggerated and realistic aspirations...”] e nota que [“when Archilochus says... 'I am not troubled by the wealth of Gyges' (22), he wishes not to express his own taste but to lend real values their proper recognition...”]. Para ele, as palavras [“θεῶν ἔργα – what the gods do -”] devem ser entendidas como [“the fabulous good fortune which the gods sometime allow a man”] e reproduzem um provérbio que declara [“what the gods grant a man we do not begrudge but rather praise his fortune”]. A tirania fazia parte da ambição pelo poder do período arcaico e era considerada como a mais alta fortuna da terra.

Page (op. cit., p. 150) faz alguns comentários a respeito do vocabulário e da sintaxe do fragmento arquiloquiano. Quanto ao primeiro, Arquíloco apresenta duas inovações: ζῆλος (*ambição, zelo*) e τυραννίς (*tiranía*). Na sintaxe, a construção τὰ Γύγεω (*as coisas de Gyges*) não faz parte do idioma épico. Apesar dessas novidades, a influência da

²⁰ Fr. 19W

linguagem tradicional é evidente quando emprega o epíteto πολυχρύσου (*Iliada*, 10.315) e adapta fórmulas épicas tais como ἀγαιομένου κακὰ ἔργα (*Odisséia*, 20.16) e ἔργα θεῶν (*Iliada*, 16.120) quando utiliza οὐδ' ἀγάζομαι θεῶν ἔργα.

Chama-nos a atenção o uso da palavra τυραννίς. Chantraine procura apresentar a sua etimologia:

[...] terme de substrat ou emprunté à l'Asie Mineure (comme βασιλεύς, ἄναξ[...]): le rapprochement avec l'étrusque $\blacklozenge\blacklozenge\blacksquare\blacklozenge$ = Vénus (maîtresse?) reste très douteux, cf. Haubeck, *Praegraeca* 68-70 e Gusmani, *Studi Pisani* 1, 511, qui évoquent hittite hiér. $\blacklozenge\blacklozenge\blacksquare\blacklozenge$; cf. encore Hester, *Lingua* 13, 1965, 366.

Legrand (op. cit., p 33) está de acordo com Chantraine e comenta que a palavra τύραννος pode ser de origem lídia, conforme *Cambridge Ancient History*, tomo III, p. 549. Por sua vez, Swoboda (1957:67) diz-nos: ["No es palabra griega, y como determina la idea de usurpación de un modo opuesto a los antiguos reyes hereditarios, es casi seguro que esta forma del poder público se derive de la civilización egea, donde ya existía como dominación extranjera"].

Um escólio ao *Prometeu*, verso 222, confirma que antes de Ésquilo, Arquíloco é quem emprega *tyrannis*:

πρὸ αὐτοῦ δὲ καὶ Ἄρχιλοχος “Μεγάλης δὲ οὐκ ἔρω τυραννίδος.”
Antes dele (Ésquilo) também Arquíloco “não amo a grande tirania”.

Mas estaria Arquíloco pensando na tirania grega ao escrever seu poema? Ou estaria ele defendendo a democracia?

A *tyrannis*, forma autocrata de governo, nas mesmas condições de Giges, absoluta e ampla, não se instalou entre os gregos. O que se reconhece é que as lutas endêmicas civis foram propícias para que homens de ambição conseguissem usurpar uma autoridade monárquica, mas o poder absoluto não só não atingiu às mesmas proporções dos monarcas orientais, como também, surgiu, efetivamente, em época posterior. Atenas, por exemplo, segundo Barros (op. cit., pp. 96-7), por três vezes [...assistiu a tentativas que procuraram instaurar a tirania...perpetradas, respectivamente, por Cílon (632 a.C.), Damásias (582/1 a.C.) e Pisístrato (561 a.C.)"].

Quando Arquíloco emprega a palavra *tyrannis* não devemos ligá-la às tiranias gregas que foram desenvolvidas em Estados diferentes, em tempo posterior e com características próprias; e nada estava mais longe das previsões arquiloquianas do que a democracia, que surge bem mais tarde, mas, simplesmente, aos lídios, mesmo que pouco ainda se saiba

sobre a autocracia na Ásia Menor. Eles assim designavam [...el poder absoluto de los monarcas orientales”] (ADRADOS, 1956:54) pois estes mantinham o poder sem restrições sobre todo o seu território. Barros (op. cit., p. 97) entende que aceitar a tirania (de qualquer magnitude) seria “uma violação ao ideal da mediania”, de forma que Arquíloco jamais seria partidário do governo de um só homem.

Posteriormente, Gregório de Nazianzeno (329 – 390 d.C.) na *Patr. Gr.* 37.683, faz referência a essa fama de Gíges e aconselha:

κἀν σοι τὰ Γύγου τοῦ πολυχρύσου παρῆ, στρέφης τε πάντα τῆ τροφῆ τῆς σφενδόνης, σιγῶν δυνάστης·	e se a ti as coisas de Gíges de muito ouro estiverem ao alcance (estiverem presentes), (que) gires as coisas todas com o giro do engaste (do anel), soberano silente;
--	---

É muito provável que a palavra σφενδόνη esteja fazendo referência ao *engaste*²¹ do anel mágico de ouro de Gíges, como se depreende a partir de outra citação de S. Gregório, mas σφενδόνη também é muito comum na literatura judaico-cristã com o sentido de *funda*. Desde a vitória do jovem Davi sobre o soldado filisteu Golias (*ISamuel* 17:40, 49), o gigante, essa arma passou a possuir um significado metafórico importante para as posteriores gerações judaico-cristãs.

Como a *funda* já era amplamente utilizada como arma de guerra do exército israelita (*Juízes* 20. 15,16), talvez possamos supor que o teólogo do século IV d.C. estivesse empregando uma metáfora, já conhecida desde a época veterotestamentária, na qual *funda* teria o valor de instrumento de libertação, de purificação, para *lançar fora de si, expulsar, jogar para longe algo maléfico*, como depreendemos de *ISamuel* 25.29.

Questionando a sua alma sobre os valores e desejos, S. Gregório (*Patr. Gr.* 37.1435, Migne) faz referência ao anel de ouro mágico de Gíges (*República* de Platão, Livro II, 359d – 360b) pelo qual o [“pastor que servia em casa do que era então soberano da Lídia”], tendo seduzido a mulher do monarca, matou Candaules, desposou a viúva e se assenhoreou do poder:

τί σοι θέλεις γενέσθαι; ψυχῆν ἐμὴν ἐρωτῶ. τί σοι μέγ , ἢ τί μικρὸν τῶν τιμίων βροτοῖσι; ζήτει μόνον τι λαμπρὸν, καὶ δώσομεν προθύμως.	O que estás querendo que a ti venha a ser? À minha alma, pergunto. O que para ti é grande, ou o que é pequeno dentre as coisas preciosas aos mortais? Procura somente o que é resplandecente e daremos de boa vontade.
--	---

²¹ Conforme Liddell-Scott (1992:1740): σφενδόνη, além de *funda*, pode ser “collet”, *engaste*.

θέλεις τὰ Γύγῳ σοι τοῦ λυδίου γενέσθαι,
καὶ δακτύλῳ τυραννεῖν,
τὴν σφενδόνην ἐλίσσω,
κρυπτούσαν, εἰ κρύπτοιο,
φαίνουσαν, εἰ φαίνοιο;

*Queres que as coisas de Gíges,
o lídio, a ti venham a ser
e governar com dedo
girando o engaste (do anel),
que oculta, se quisesse ocultar,
que mostra, se quisesse mostrar?*

Em Platão, a história serviu como exemplo de que um justo, por ambição, pode caminhar para a mesma meta que o injusto. S. Gregório, por sua vez, ao fazer menção das riquezas e da ambição de Gíges - tanto quanto o poeta lírico e o filósofo o fizeram - coloca-as como nocivas e merecedoras de rejeição:

[...]
οὐ ταῦτα δώσομέν σοι·
λαβεῖν γὰρ οὐδὲ λῶον,
ἀλλ' οὐτ' ἐμοιγ' ἀνυστόν.
ερριψα γὰρ μερίμνας,
ἀφ' οὗ θεῶν προσῆλθον.

[...]
*Não daremos essas coisas a ti;
pois, nada receber é melhor,
mas [e] nem mesmo a mim é algo possível.
Lancei, pois, as inquietações
a partir do que me acheguei a Deus.*

O que é certo é que Arquíloco deixou rastros na história. Durante os períodos arcaico e clássico, sua obra era bem difundida, influenciando a muitos. Seus versos foram amados e também odiados. A fortuna crítica do poeta não é pequena, embora os diversos autores, como Alceu, Píndaro, Aristófanes, Cratino, Heráclito, Platão, Aristóteles, Ateneu, Díon Crisóstomo, Orígenes, Aristarco, Eusébio, entre outros, de épocas bem distantes, tenham ou apenas feito referência ao poeta, ou reproduzido parte de seus poemas.

Alguns acreditam que grande porção de sua obra não tenha resistido ao tempo face à obscenidade, pois, sobretudo no período bizantino, os poemas foram deliberadamente destruídos ou não copiados, mas esse ponto de vista é questionável se considerarmos que os poemas de Hipônax chegaram ao século XII d.C. O que se reconhece, entretanto, é que importantes autores foram contundentemente contrários à leitura dos versos arquiloquianos, tendo até mesmo sido proibida pelo imperador Juliano.

Considerando que os textos que chegaram a nós são geralmente breves, procuramos reconstruir o sentido do fr. 19 arrolando não só as fontes que testemunham a recepção do poema na Antiguidade, mas também diversos comentários de vários autores antigos e modernos.

Reconhecemos, porém, que o assunto não foi totalmente esgotado, pois a obra de Arquíloco é um permanente desafio a todos os estudiosos. Entretanto, julgamos pertinente um apanhado da história da crítica que acompanha o fragmento, pois ela, como se pode ver, muito contribui para a recuperação de sentidos esquecidos.

Bibliografia

- ADRADOS, F. R. *Líricos Griegos. Elegiacos y Yambógrafos Arcaicos*. Vol. 1, Barcelona: Ediciones Alma Mater, S.A., 1956.
- _____. *Ilustración y Política en la Grecia Classica*. Madrid: Revista de Occidente, (Biblioteca de Políticay Sociologia 3), 1966.
- ARISTÓTLE. *Art of Rhetoric*. Loeb Classical Library, vol. XXII. London: Harvard University Press, 2000.
- BARROS, G. N. M. *Sólon de Atenas*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- BOWRA, C. M. *Early greek elegists*. Cambridge: W. Heffer & Sons Ltd., 1960.
- BURN, A. R. *The lyric age of Greece*. London: Edward Arnold, 1960.
- BURNETT, A. P. *Three archaic poets*. Massachusetts: Harvard University Press, 1983.
- CANFORA, L. *Antologia della letteratura greca. L' età Arcaica*. Vol. 1. Roma: Editori Laterza, 1994.
- CATAUDELLA, Q. *Intorno ai lirici greci*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1972.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1990.
- CORRÊA, P. da C. *Armas e Varões. A guerra na lírica de Arquíloco*. São Paulo: UNESP, 1998.
- DE FALCO, V. & DE FARIA COIMBRA, A. *Os elegíacos gregos – de Calino a Crates*. São Paulo, 1941.
- DODDS, E. R. *Les Grecs et l'Irrationnel*. Paris: Aubier Montaigne, 1965.
- DOVER, K.J. (Ed.). *Literatura en la Grecia antigua. Panorama del 700 (a.C.) al 500 (d.C.)*. Madrid: Taurus Ediciones, 1986.
- _____. The poetry of Archilochos. In: *Archiloque. Entretiens sur l'antiquité classique*. Tome X. Genève: Fondation Hardt, 1964.
- EASTERLING, P.E. & KNOX, B.M.W. *The Cambridge history of classical literature*. Cambridge University Press, 1985.
- EDMONDS, J.M. *Greek Elegy and Iambus*. Vol. II. London: Harvard University Press, 1961.
- E. VANDERPOOL, *New inscriptions concerning Archilochos*. AJPh 76 ('55).
- FRANKEL, E. *Horace*. Oxford, 1957.
- FRÄNKEL, H. *Early Greek Poetry and Philosophy*. Basil Blackweel - Oxford, 1975.
- GENTILI, Bruno. *Poesia e Pubblico nella Grecia Antiga*. Da Omero al V secolo. Roma: Editori Laterza, 1984.
- GERBER, D. *Greek Iambic Poetry*. London: Harvard University Press, 1999.
- HAUVETTE. *Archiloque, sa vie et ses poésies*. Paris, 1905.
- HERODOTUS. With an english translation by A.D. Godley. London: Harvard University Press, 1966.
- HÉRODOTE. *Histoires*. Texte établi et traduit par E. Legrand. Paris: Belles Lettres, 1956.
- JAEGER, W. *Paidéia*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LASSERRE, F. *Les épodes d'Archiloque*. Paris: Belles Lettres, 1950.
- _____. *Archiloque Fragments*. Paris: Belles Lettres, 1968.
- LIDDELL, H. G. & SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Oxford, 1990.
- LESKY, A. *História da literatura grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- LÓPEZ FÉREZ, J.A. (Ed.). *História de la literatura griega*. Madrid: Cátedra, 1988.
- MURACHCO, Henrique Graciano. *Língua Grega. Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional*. 3ª. edição, vol. 1 e 2. Petrópolis, Editora Vozes/ Discurso Editorial, 2006.

- PAGE, D. Archilochus and the oral tradition. In: *Archiloque. Entretiens sur l'antiquité classique*. Tomé X. Genève: Fondation Hardt, 1964.
- PLATÃO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- PLUTARCH. *Plutarch's Moralia*. With an english translation by W.C. Helmbold. London: Harvard, 1957.
- SNELL, B. *A descoberta do espírito*. Edições 70, Rio de Janeiro, 1992.
- RANKIN, H.D. *Archilochus of Paros*. New Jersey: Noyes Press, 1977.
- WEST, M.L. *Iambi et elegi graeci*. Vol. 1. Oxford, 1989.